

**CÚPULA DE JOHANNESBURG**

John McConico/AP



Lixão em Johannesburg, cena comum nas grandes cidades: protagonistas da Cúpula Mundial também vivem o dilema de como ser 'sustentável' e 'desenvolvido' ao mesmo tempo

# Ambientalismo baseado na fé ou na ciência?

*Já não se contesta a gravidade dos problemas ambientais. A questão é como enfrentá-los*

ALVIN e HEIDI TOFFLER  
 The Los Angeles Times

**L**OS ANGELES - Ninguém em sã consciência nega hoje em dia a existência de problemas ambientais sérios, que precisam ser confrontados se quisermos evitar ou reduzir problemas realmente grandes no futuro. Mas quão sérios são esses problemas, como deveríamos lidar com eles - e por quem e às custas de quem - continuam sendo perguntas sem resposta. Disputas sobre essas questões vão se intensificar nos próximos anos e décadas.

Algumas, como o controle da água, poderão levar à violência ou à guerra.

Entre as questões mais controversas que atualmente agitam a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, em Johannesburg, estão as exigências conflitantes de sustentabilidade e desenvolvimento. Sem dúvida, as declarações finais que surgirão da conferência tentará limar as diferenças. Mas o fato é que "sustentabilidade" e "desenvolvimento" são contraditórios.

Considere-se a própria palavra "sustentável" - um termo polivalente e politicamente correto, tão na moda hoje em dia que até os poluidores corporativos o usam.

Os "sustentadores" querem mudar as políticas globais com relação a recursos, população, agricultura, cultura e muitas outras variáveis ambientais. Mas "sustentável", de acordo com nosso dicionário, significa "capaz de ser mantido em determinada taxa ou nível". Por sua vez, "manter" significa "continuar" algum estado de coisas - ou seja, não mudá-lo. Como efeito, levado às últimas consequências, "sustentável" implica em imutabilidade.

Os "desenvolvedores", em contraste, querem mudanças mais rápidas e profundas nas condições econômicas, que, se bem-sucedidas, tornariam possíveis mudanças ainda mais velozes. As pessoas estão morrendo de aids e de fome. As crianças não têm educação. O desemprego é enorme. Os "desenvolvedores" não querem manter essas condições, e sim mudá-las radicalmente.

É esta a contradição que

um grupo de destacados ambientalistas, financiado pela Fundação Heinrich Boll, na Alemanha, apresenta num longo manifesto - Justiça num mundo frágil: memorando sobre desenvolvimento sustentável - com o objetivo de guiar o debate. Um ponto-chave desse documento, fascinante mas intelectualmente problemático, defende que os grandes problemas ecológicos não podem ser solucionados enquanto os países pobres procuram se industrializar, seguindo o caminho histórico do Hemisfério Norte.

Segundo o manifesto, se todos os pobres do mundo vivessem como as populações dos Estados Unidos, Europa, Japão e outras economias desenvolvidas, o impacto no aquecimento global, agricultura, florestas, reservas de água e outros fatores-chave seria catastrófico. É por isso, avisam os signatários, que os pobres do mundo deveriam buscar uma forma diferente e menos materialista de "desenvolvimento", e não sonhar com um carro em cada garagem. O objetivo, no lugar disso, seria "uma vida digna aqui e agora". O manifesto declara que

não faz sentido "sacrificar a vida das pessoas no presente em nome de ganhos especulativos no futuro".

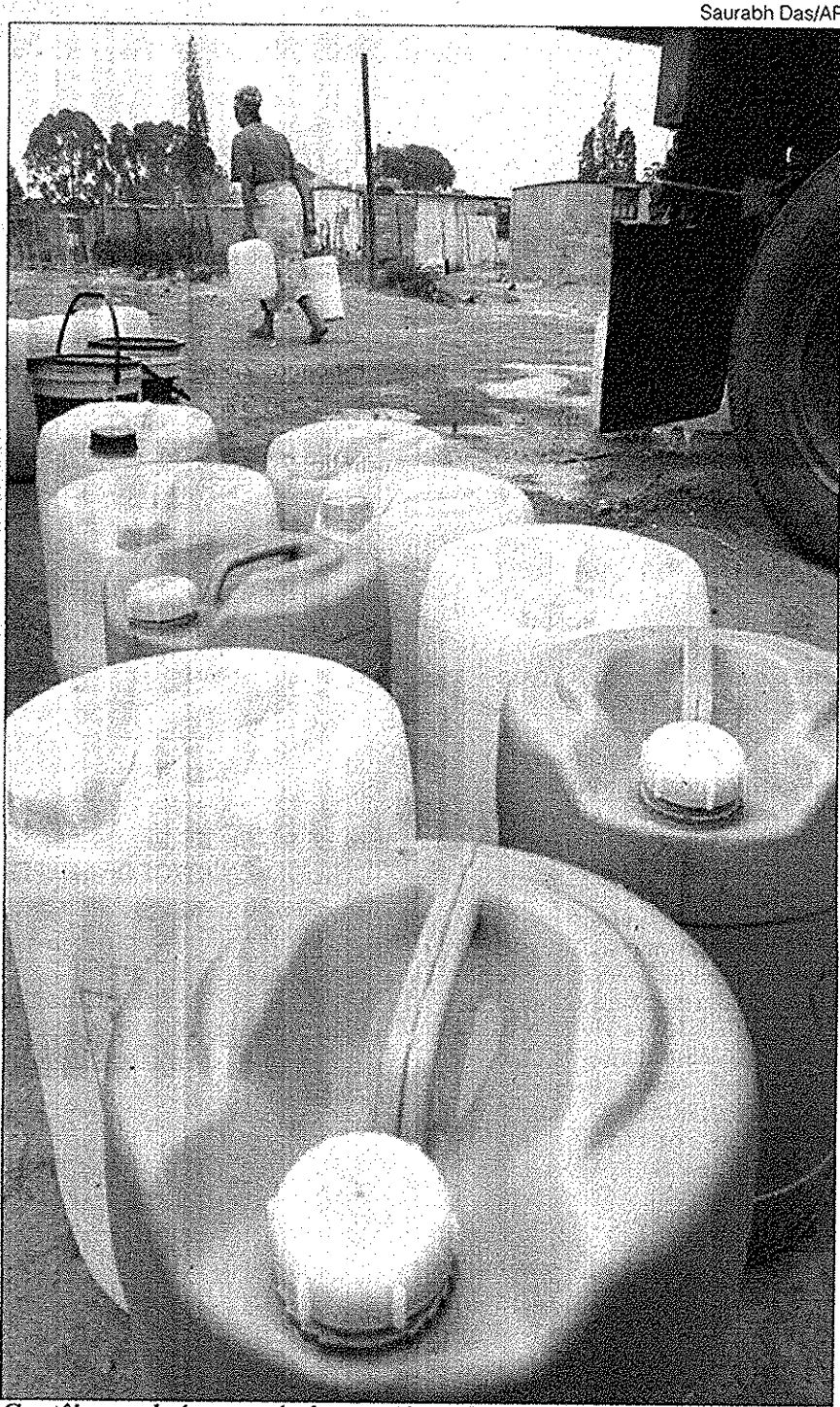
**Contradição** - Essa posição é profundamente problemática. Para começar, ela contradiz um argumento frequentemente usado pelos próprios verdes: o de que o crescimento econômico no presente deveria, na verdade, ser sacrificado para economizar recursos para as gerações futuras. E também levanta a questão oposta: as tecnologias que podem tornar a vida melhor deveriam ser bloqueadas por causa de temores "especulativos" sobre seus efeitos futuros? Como o argumento sobre as "vidas no presente" deveria ser lido à luz do apavorante fato de que milhões de pessoas sob risco de morrer de fome em Zâmbia, Zimbábue e Moçambique estão neste exato momento sendo privadas, por seus governos, de 60 mil toneladas de grãos enviados pelos Estados Unidos em caráter de emergência? Isso se explica, ostensivamente, com a alegação de que parte do carregamento foi geneticamente modificada.

Esta decisão cruel foi tomada, apesar da declaração

de James Morris, diretor-executivo do Programa de Alimentação da ONU: "Eu diria aos governos africanos que o milho geneticamente modificado em questão foi consumido literalmente bilhões de vezes sem efeitos prejudiciais à saúde. Então, se o temor é quanto à segurança da comida, não há evidência científica para endossá-lo." Isto não demoveu os provavelmente bem alimentados dirigentes desses países. A verdadeira razão pela qual os governos africanos estão tirando a boca de seus próprios povos famintos é a pressão da União Européia, ocupada em proteger seus próprios agricultores, pesadamente subsidiados, da concorrência americana, alegando que os alimentos geneticamente modificados não são seguros ou podem causar danos ecológicos.

Se não há sentido em "sacrificar as vidas das pessoas no presente em nome de ganhos especulativos no futuro", haveria sentido em sacrificá-las para evitar perdas especulativas no futuro? O manifesto do grupo de Bonn quer que o mundo pobre deixe de ansiar por bens materiais do mundo rico que os autores trivializam como "produtos decorativos". Para compensar, o mundo rico também tem de reduzir drasticamente sua demanda por riqueza material. Ele deveria se concentrar, ao invés disso, em melhorar a sociedade de outras maneiras - a redução do crime, da poluição, da violência e outros males sociais e ecológicos, cujo preço oculto é frequentemente ignorado pelos economistas quando computam seus dados macroeconômicos.

**Cenários** - A maioria dos economistas é culpada disso, mas a idéia de que os membros do que eles chamam de "classe consumidora" vão voluntariamente abrir mão de seus aparelhos de ar-condicionado, CD e DVD, jeans Gap, microondas



Contêineres de água potável na periferia de Johannesburg: preciosidade

e carros extra é uma fantasia - a menos que uma dessas quatro coisas aconteça:

1. Ditaduras substituem governos democráticos e/ou pseudo-democráticos e impõem duramente a simplicidade involuntária (para todos, menos elas mesmas).

2. Uma depressão econômica generalizada empobrece os consumidores do mundo rico tão profundamente que eles não podem mais comprar os bens e serviços que os ambientalistas menosprezam.

Os autores do manifesto levantam algumas questões legítimas sobre o valor do comércio e da globalização. Mas a realidade não-especulativa de hoje é que os países que abrigam a esmagadora maioria dos camponeses pobres do mundo - China, Índia, Brasil e alguns outros - já

estão integrados à economia mundial. Eles seriam os primeiros a sentir o impacto se os fregueses do mundo rico fossem pobres demais para comprar seus produtos de exportação.

Se isto acontecesse, entre os primeiros a sofrer estariam as centenas de milhões de pessoas do mundo pobre que migraram para as cidades numa busca desesperada por um emprego em fábricas de produtos de exportação, que contratam mão-de-obra barata. Elas são filhas das mesmas populações rurais que o manifesto procura dignificar, e o dinheiro que elas enviam a suas famílias para mantê-las vivas no meio rural iria se acabar. Não há dignidade nisso.

3. Um terceiro redutor do consumo? Apocalipse. Improvável.

4. O quarto evento possível que poderia reduzir o "consumismo" nas nações ricas, contudo, poderia ser a conversão em massa a uma nova religião ou versões ecológicas do cristianismo, islamismo e outras fés já existentes.

Para muitos, o ambientalismo já se tornou uma nova religião ou fé, com suas próprias seitas, cultos e contornos fanáticos. Ao mesmo tempo, mais e mais igrejas e organizações religiosas têm adotado as idéias e a retórica das verdes, tentando integrá-las a doutrinas preexistentes para atrair jovens seguidores.

**Perigo** - Mas a conversão do ambientalismo a uma atividade baseada na fé - não na ciência - poderia pôr em perigo o futuro ecológico ao subordinar a compreensão científica da natureza a um ou outro dogma religioso, influenciando tudo, desde o aborto, a contracepção, a evolução e o criacionismo, as definições da vida e as células-tronco embrionárias até a genética em geral.

Nós já podemos ver - onde quer que seja que as palavras "comida geneticamente modificada" sejam pronunciadas - a substituição do bom senso cauteloso e da compreensão científica pelo pânico, emoção e fé desarrazoados, mesmo que ao custo de milhares de vidas humanas.

A solução para o conflito "sustentador" versus "desenvolvedor" é precisamente a aplicação de menos fé e mais conhecimento científico avançado, tanto ao desenvolvimento ecológico quanto ao econômico. A escolha não é mais entre a subsistência agrícola da Primeira Onda e as economias de chaminés da Segunda Onda, e sim entre ambas e uma Terceira Onda de desenvolvimento avançado, baseado não mais nos músculos, mas na mente, e em suas criações de alta tecnologia.

Os signatários do manifesto de Bonn também sugerem, é verdade, que podemos ir além. Mas a alternativa que eles imaginam - sem convencer muito - glamouriza uma existência rural que se serve de maneira inadequada tanto dos mercados quanto da tecnologia avançada.

A criação de riquezas baseada no conhecimento, a tecnologia avançada e novos laços entre atividades mercadológicas e de outra natureza oferecem a melhor possibilidade de melhorar a existência humana sem devastar a biosfera.

Os autores são co-fundadores da Toffler Associates e co-autores dos livros *Choque do Futuro* e *A Terceira Onda*, entre outros

**SEITAS  
 PÕEM O  
 FUTURO EM  
 PERIGO**